

11.12.2017

12 DE DEZEMBRO DE 2017 ~ MARIE ASMAR

\*

Nota para a próxima aula do COF.

Quando você entra numa faculdade de filosofia, assiste a conferências ou programas de divulgação filosófica ou simplesmente abre um manual popular de história da filosofia, logo toma conhecimento de personagens que são ali considerados “os filósofos mais importantes”. Por que são importantes? Porque – responde-se – “exerceram influência”. Mas exerceram influência sobre quem? Sobre pequenos círculos de pessoas dedicadas de corpo e alma, como eles próprios, à busca da verdade e da sabedoria? Não. Exerceram influência sobre a cultura inteira, sobre a sociedade, sobre a política, sobre as classes dominantes, sobre as massas, sobre “o curso da História”. Em suma, exerceram influência sobre algo que se denomina “a opinião pública”. Mas — esperem um pouco — a opinião pública, a “doxa”, não era precisamente, para os pais-fundadores do pensamento filosófico ocidental, aquilo que mais direta e radicalmente se opunha à filosofia, ao ponto de que esta se autodefinia pelo contraste com a “doxa”, pela busca de um saber epistêmico e apodíctico, racionalmente organizado e demonstrável, nos antípodas da mera opinião, do achismo, das crenças e hábitos dominantes, da moda? Comprovadamente sim, mil vezes sim – o que nos leva à conclusão inescapável de que aquilo que hoje se transmite e se impõe como “filosofia importante” é a filosofia aprovada pela “doxa”, a filosofia dos não-filósofos, a filosofia da antifilosofia.

[Continua]

—

[Sandra Santos](#) Professor, a propósito, o senhor soube dessa declaração do Leandro Espiritual, o “filósofo” reverenciado pela mídia?

“Há um filme em cartaz, pavoroso, que mostra o heroísmo de trezentos espartanos. Eles foram lutar contra um exército de 1 milhão, sem nenhuma chance de vitória, são brucutus anabolizados, que vão enfrentar um exército superior, morrem todos e são heróis. Eles são kamikazes heróis. Quando um islâmico se mata pelo que acredita, ele é um fanático, ele é um fundamentalista. Por que o rei Leônidas, de Esparta, e os seus trezentos fanáticos são heróis? Têm estátua, filme e história em quadrinhos. E por que um islâmico, ao se lançar contra as torres, é um fanático que não pensa? PORQUE NÓS SOMOS OCIDENTAIS, E TODA BOBAGEM NOSSA É HEROICA, É ÉPICA, MARAVILHOSA e a do outro é pavorosa.”

Leandro Karnal

[Olavo de Carvalho](#) Sim, é quase a mesma coisa: morrer em batalha contra um exército três mil vezes superior e morrer explodindo pessoas desarmadas num supermercado...

\*

Falando em apelidos. O nome do [Giuseppe Chiappetta](#) é uma tentação irresistível. O [Tomas De Carvalho Pereira](#), quando alguém da família, por telefone, lhe pedia informações tranquilizantes sobre a sua viagem, respondeu:

— Não se preocupe. Estou aqui num motel com o Capeta.

\*

Detalhe importantíssimo: militantes de esquerda usam as mesmas palavras da linguagem comum, mas dando-lhes um sentido diferente no seu vocabulário especial, de modo que a mesma palavra é compreendida num sentido pelo público leigo, e em outro sentido pelos “de dentro”, pela militância. Praticamente todo porta-voz da esquerda sabe jogar com esse duplo sentido, levando a platéia a crer que ele diz uma coisa quando, para os fins práticos da atividade revolucionária, está dizendo outra completamente diversa.

Por exemplo, a palavra “ditador”. Para o público geral, significa um governante controlador e autoritário, que suprime as liberdades, envia os opositores à cadeia, etc. No vocabulário técnico do gramscismo, significa qualquer um que, subindo ao poder, reverte o progresso do controle hegemônico, pouco importando que o faça por meios ditatoriais ou democráticos. Quando o esquerdista acusa, por exemplo, o Donald Trump de ser um ditador, a platéia leiga acredita que ele oferece perigo real para as liberdades democráticas, mas a militância esquerdista sabe que ele está apenas atrapalhando a ascensão dela ao controle hegemônico da sociedade.

—

[Domingos Torres](#) Agora há pouco postaram um papai noel negro. Não vejo nada demais. Exceto que é uma provocação boboca. Para existir racismo temos de ter raças. E pelo que sei não existem raças. Só animais tem raças. O ser humano é indivisível. Não existe homem poodle, rotweiler ou doberman. Mas os caras insistem em dividir.

[Olavo de Carvalho](#) Se o Papai Noel mora mesmo no Polo Norte ele não é branco nem preto, é esquimó.

[Roxane Carvalho](#) A percepção que ele tem da sutileza linguística dos inimigos da humanidade é coisa de gênio.

[Roxane Carvalho](#) Isso significa que os inimigos que comandam o processo revolucionário não são nada burros.

\*

Em geral os intelectuais acadêmicos e especialmente os cientistas sociais estão, ao menos hoje em dia, mais propensos a acreditar que são dirigidos por entidades abstratas, como as instituições ou as classes sociais, do que a admitir que estão sob o poder de algum indivíduo ou grupo determinado. No entanto, é duvidoso que as instituições e classes sociais “pensem”, e o modo como essas entidades sem cérebro atuam sobre a alma e a conduta de pessoas detentoras de cérebros é ainda um problema nebuloso, na melhor das hipóteses. Em contrapartida, a diferença de poder e de horizonte de consciência entre indivíduos é um dos fatos mais patentes e mais abundantemente confirmados pela experiência desde a antiguidade. Considero-a mesmo uma das propriedades distintivas da espécie humana, sem paralelo entre os outros animais. Terão as ciências sociais feito um juramento de sempre desprezar o óbvio em favor de hipóteses rebuscadas e impossíveis de provar?

\*

Imagino, por exemplo, Josef Stalin no seu gabinete, em comparação com um prisioneiro que morre à míngua no fundo do Gulag. O primeiro determina, com uma canetada, o destino de milhões de pessoas, enquanto o segundo mal pode mover o próprio corpo. Um aproxima-se da onipotência na mesma medida em que o outro naufraga na impotência, NENHUM fenômeno parecido se observou jamais no reino animal. Em contrapartida, nenhuma época da História deixou de presenciar os sinais patentes de alguma diferença de poder entre seres humanos, similar à que assinala.

\*

A diferença mais difícil de respeitar é a de conta bancária. Cada um acha que quem tem mais dinheiro que ele deve ser enforcado e quem tem menos é vagabundo.

\*

Mistérios da natureza. Quando a gente faz a barba depois de tê-la deixado crescer por uns dias, fica com cara de bunda ou descobre que sempre teve cara de bunda?

\*

Socioconstrutivismo é genocídio cultural. Se você tem menos de cinquenta anos de idade, provavelmente foi alfabetizado por esse método e não conseguirá JAMAIS dominar a gramática do idioma sem muito esforço de reaprendê-la por outro método. O curso do [Carlos Nadalim](#) é um bom remédio.

\*

Tive a sorte de ser muito bem alfabetizado — em primeiro lugar por mim mesmo, para ler histórias em quadrinhos, e depois pelos excelentes professores da Escola Paroquial Nossa Senhora da Paz, na rua do Glicério em São Paulo, aos quais serei sempre grato. Depois disso só fui estudar gramática por volta dos trinta anos, e nesse ínterim escrevia corretamente. Alfabetização é tudo.